

## FREI LUIS DE SOUSA EM DRESDEN: UM PEQUENO ENIGMA DE RECEPÇÃO

MARIA GABRIELA BUESCU

Neste ensaio, pretendemos fundamentalmente evidenciar um dado que se nos afigura contributo relevante para um eventual estudo sobre a recepção de Garrett na Alemanha: de facto, a peça Frei Luís de Sousa deste escritor romântico teve, logo após a sua publicação em Portugal, uma fortuna além-fronteiras, nomeadamente na Alemanha. É esse impacto mais ou menos inesperado que pretendemos aqui focar.

A formação política e literária de Almeida Garrett, liberal e romântica, aparece frequentemente vinculada ao seu exílio inglês. A esse facto não são certamente alheios alguns conteúdos de que, por exemplo, *As Viagens na Minha Terra* são a representação literária; o relacionamento afectivo e sentimental de Carlos com a jovem inglesa Georgina remete certamente para uma experiência emotiva e, sócio-política (como referente autobiográfico) que sub-liminarmente traz consigo o registo de uma admiração pela cultura inglesa e os seus valores. De resto um profundo respeito pela velha democracia surge magnificamente no pórtico do poema *Camões*:<sup>(1)</sup>

“Ao — Largo! aos mares:  
Livres corramos sobre as ondas livres  
Do Oceano indomado por tiranos,  
Livre como saiu das mãos do Eterno,  
Sua feitura única no Globo  
Que ímpias mãos d’homens não puderam inda  
Avassalar, destruir. Aí d’entre as vagas  
Surge a princesa altiva das armadas  
Pátria da lei, senhora da justiça,

---

<sup>(1)</sup> *Camões*, Canto primeiro, II.

Couto da foragida liberdade.  
Salve, Britânia! salve flor dos mares,  
Minha terra hospedeira eu te saúdo!  
Se ora pousando em tuas ricas praias,  
Pudesse ir abraçar fiéis amigos  
Que pelas ribas desse nobre Tâmesis  
Vivem à sombra da árvore sagrada  
De abençoada independência a vida!”

A França revolucionária é também pátria da liberdade e a cultura francesa não deixa de estar presente na edificação do Romantismo português. Contudo, essa outra e talvez a primeira pátria do Romantismo — a Alemanha não pode deixar de se considerar como um dos referentes e referências que se perfilam desde o germanismo da Marquesa de Alorna<sup>(2)</sup> até aos mesmos epígonos do Romantismo, dos quais António Feliciano de Castilho, tradutor do *Fausto* de Goethe<sup>(3)</sup> foi o expoente.

O próprio Almeida Garret, educado por seu tio, D. Frei Alexandre da Sagrada Família, Bispo de Angra, lera com o consentimento do seu eclesiástico mentor algo de Leibniz e de Kant.

Garret leria também Schiller e Goethe, que largamente referencia nas *Viagens*<sup>(4)</sup>.

No entanto, quanto a Garrett e à cultura alemã, para além do seu contacto enquanto jovem estudante sob a orientação de D. Alexandre e em Coimbra, tornar-se-á efectiva e determinante depois do seu

---

<sup>(2)</sup> D. Leonor de Almeida de Portugal e Lencastre, (Alcipe), marquesa de Alorna (1750 - 1839), casou com o Conde alemão de Oeynhausen, naturalizado português e Ministro de Portugal em Viena.

<sup>(3)</sup> Publicada a tradução de *Fausto*, em 1872, esta deu origem a severas críticas compendiadas e rebatidas na chamada *Questão do “Fausto”* na qual intervieram nomes representativos das letras portuguesas da época, como Joaquim de Vasconcelos, José Gomes Monteiro, Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas, Antero de Quental e outros.

<sup>(4)</sup> *Viagens na Minha Terra*, Liv. Figueirinhas, Porto, 1964. Cap. V, p. 26 e cap. XVIII, p. 165 respectivamente.

exílio em Londres após a vitória do regime liberal em Portugal e sobretudo o seu consulado na Bélgica em 1834-35: Aí, o contacto directo com Herder, Goethe e Schiller abre-lhe perspectivas mais amplas.

Citamos a este propósito Duarte de Montalegre: “La sua cultura finiva cosi per assumere una fisionomia piú completa. D’altra parte questa esperienza internazionale, ampliando i suoi orizzonti culturali ed ideologici, conferiva alla “forma mentis” garretiana una interessante impronta cosmopolita che sarà alla base della sua saggezza política, tanto eloquentemente espessa nella sua oratória parlamentare”.<sup>(5)</sup>

É esse, de resto, o pensamento de Gerd Moser<sup>(6)</sup> que acolhe e aplaude a tese de Otto Antscherl<sup>(7)</sup> em cujo livro cristaliza os seus fundamentos na obra garretiana na sua vertente essencialmente romântica. Demonstra por isso as relações sócio-políticas e estéticas entre a produção literária do romântico português com o grande movimento estético-literário do seu tempo na Europa, remetendo para a questão das influências alemãs na obra de Garrett, aliás mencionadas no estudo de Otto Antscherl sobre Garrett. Diz ele, que durante a sua estadia em Bruxelas, Garrett teve muitos contactos com a Literatura Alemã que de certo modo o influenciaram. Goethe, Herder, os irmãos Schlegel Bürger e Schiller são alguns desses autores alemães, cujas obras Garrett leu com agrado.

Numa perspectiva contrária, José Augusto França duvida no entanto do conhecimento profundo de Garrett da língua alemã, sem prejuízo de reconhecer no nosso primeiro romântico uma postura de certo modo ambígua, de acolhimento e rejeição da cultura francesa como campeã do liberalismo. Diz aquele crítico: “Podemos então verificar que, se as primeiras fontes foram germânicas, as mais ricas e as mais populares, para isso muito contribuindo a língua, foram as francesas. A Alemanha tinha sido “o foco de fermentação”, segundo a expressão de Herculano (1834), que nunca deixou de dá-la como

---

<sup>(5)</sup> Duarte de Montalegre, *Almeida Garrett — L’Uomo e l’Opera*, Roma, 1957 p. 21.

<sup>(6)</sup> *Les Romantiques Portugais et l’Allemagne*, Paris, 1939.

<sup>(7)</sup> O. Antscherl, *J.B. de Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik*, Heidelberg, 1927, p. 100.

exemplo aos jovens poetas: Estes podiam encontrar aí “bons modelos de uma arte vigorosa e original; a Alemanha era o lugar privilegiado da revolução para Garrett, que já vimos protestar, em 1826, contra a “galomania”, (...) o próprio Garrett, que só aprendeu alemão por volta de 1834 (e imperfeitamente), citava e comentava Schlegel, em 1822, através de uma tradução francesa”<sup>(8)</sup>.

De qualquer modo, o nome de Garrett parece associado à recepção da cultura e das letras alemãs em Portugal. Camilo Castelo Branco refere-se a José Gomes Monteiro (1807-1889) autor de “uma colecção de poesias que denominou *Eccos da Lyra Teutonica*.”<sup>(9)</sup>

José Gomes Monteiro revelou-se um especialista de Camões e da Literatura do séc. XVI. Para além disso, será gerente do livreiro — editor Moré, no Porto, e associa-o ao nome de Almeida Garrett que teria conhecido no estrangeiro e a quem teria ficado ligado por laços de profunda simpatia humana e intelectual. Aliás, o próprio biógrafo de Garrett, Gomes de Amorim se refere a essa sintonia citando as cartas de Almeida Garrett dirigidas a Gomes Monteiro.

De qualquer modo, parece fortemente indiciado o envolvimento de Garrett na difusão da cultura alemã em Portugal.

De facto Gomes de Amorim<sup>(10)</sup> parece ter sido o primeiro a percebê-lo, quando se propõe empreender, a pedido de intelectuais alemães, a longa e árdua tarefa de escrever a biografia de Garrett: de facto, ele próprio o afirma no início da obra em *Garrett*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.

“No ano de 1852 pediram da Alemanha, aos honrados editores de Garrett, a biografia d’este. Os gerentes da casa Bertrand pensaram que haveria conveniência em fazer-se d’esse estudo um livro que, pelo formato, pudesse incorporar-se na collecção de obras do poeta. Fallaram-lhe a elle, para que escolhesse o biographo; e, por singular

---

<sup>(8)</sup> José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1974.

<sup>(9)</sup> *Esboços de Apreciações Litterárias*, Porto, 1865, p. 211 - 217.

<sup>(10)</sup> Gomes de Amorim, *GARRETT*, Tomo III, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, p. 500 e sg.

favor, que só pode atribuir-se a cegueira da amizade, tive eu a honra de ser eleito para tão difícil trabalho.”<sup>(11)</sup>

Observámos como, na obra de Garrett se encontram referências explícitas e marcas implícitas da cultura e literatura alemãs que, a par de outras, imprimiram o cunho romântico e “moderno” à sua obra. Cabe agora fazer menção à quase imediata recepção do drama *Frei Luís de Sousa* na Alemanha, mais particularmente na cidade de Dresden. Esse é o ponto que neste ensaio pretendemos evidenciar.

Com efeito, é Gerd Moser que se refere à recepção de Garrett e do seu drama, mencionando o primeiro tradutor de Garrett, o Conde de Lückner.

“Le premier traducteur allemand de Garrett fut le Comte W.V. Lückner qui habitait à Lisbonne même, en qualité de ministre de Danemark. Il a traduit la pièce la plus connue de Garrett, *Le Frei Luíz de Sousa*”<sup>(12)</sup>.

Além do *Frei Luís de Sousa* ao qual nos referiremos de modo particular adiante, outras obras de Garrett são precocemente traduzidas na Alemanha e, o que é mais significativo, o seu autor é considerado como um dos expoentes máximos do Romantismo europeu da sua geração.

É pois, da maior relevância mencionar aqui as traduções do Conde Friedrich Von Schack<sup>(13)</sup> do poema *Camões* por um lado, e por outro, do *Romanceiro*.

Em 1853, aquando da sua 2ª visita a Portugal, Friedrich Von Schack, nas páginas do seu registo diário primorosamente traduzidas por Olívio Caeiro refere-se entusiasticamente a *Os Lusíadas* e, o que é mais importante à à figura do próprio poeta como motivo propiciador de um poema biográfico: “Mas mais do que a sua epopeia é a história da vida e das mágoas de Camões que o tornaram imortal. Ela é um

---

<sup>(11)</sup> Op. cit. pág. 86.

<sup>(12)</sup> Ver o estudo de Erich Walter fundamental para esse aspecto “Schack als Übersetzer” in *Breslauer Beiträge zur Literaturgeschichte*, vol. X, Leipzig, 1907.

<sup>(13)</sup> “Camoens”, *Gedicht un zehn Gesängen von J. B. Almeida Garrett, nach dem Portugiesisch*, ed. Cotta, Stuttgart, 1890 e *Romanzero der Spanier und Portugiesen*, ed. Cotta, Stuttgart, 1860.

poema mais grandioso e mais comovente do que tudo o que ele escreveu”<sup>(14)</sup>. cremos pois que subjaz a esta referência o conhecimento do poema garrettiano publicado em 1825 de que será tradutor. Aliás, em outra página do mesmo diário, ele considera “feliz” o acaso que o levou a travar conhecimento “com uma das personalidades mais celebradas de Portugal contemporâneo — Almeida Garrett”<sup>(15)</sup>.

Destas estadias (1840 e 1853-54) resultaria uma vasta obra que foi objecto de estudo no que se refere a Portugal e à cultura Portuguesa no já mencionado ensaio de Olívio Caeiro: *Ein halbes Jahrhundert-Erinnerungen und Aufzeichnungen*, 3 vols. Deutsche Verlags — Anstalt, Stuttgart, Leipzig, I s/d, reeditada em 1889. Esta obra de Von Schack desempenhou um papel relevante na divulgação de Garrett e da sua obra na Alemanha.

Por seu lado, Karl Supprian<sup>(16)</sup> analisa a obra de Otto Antscherl que, como já vimos, versa sobre Almeida Garrett e o Romantismo, colocando os poemas *Camões* e *D. Branca* entre as manifestações mais nobres do movimento Romântico na Europa. Com efeito, Antscherl exprime a tese de que os Românticos portugueses não são meros discípulos do Romantismo e dos Românticos franceses, mas se enquadram de pleno direito no quadro europeu, do movimento Romântico.

No entanto, é a *Frei Luís de Sousa* que é atribuída com maior unanimidade o lugar cimeiro na obra de Garrett. Eis alguns testemunhos: Diz Antscherl: “ich stehe nicht an, die portugiesische Tragödie als das glänzendste Wert zu bezeichnen, das das romantische Theater hervorgebracht hat”<sup>(17)</sup>, opinião aliás partilhada por Edgar Quinet ao

---

<sup>(14)</sup> Adolf Friedrich Graf von Schack, em “*O Conde Adolfo Frederico de Schack Aufzeichnungen*, 2 vol., Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart, Leipzig I s/d., p. 358.

<sup>(15)</sup> Op. cit. p. 20.

<sup>(16)</sup> “Um livro alemão sobre Garrett e o Romantismo”, in *Biblos*, revista da F. L. Universidade de Coimbra, 1928, pág. 261.

<sup>(17)</sup> Antscherl, J.B. *de Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik* Heidelberg, 1927, p. 147.

considerá-la como uma obra de projecção internacional, característica do drama romântico europeu<sup>(18)</sup>.

Ao Conde Adolf Friedrich von Schack se devem algumas linhas de entusiástica referência, certamente derivadas do empenho que pusera na sua tradução de Camões: “Alguns dos dramas de Almeida Garrett fizeram aqui grande sensação e quase lançaram os fundamentos de um moderno teatro nacional português, visto que provocaram o aparecimento duma quantidade de peças tendo por assunto a história do país. O mais primoroso é sem dúvida *Luís de Sousa*, uma peça que, apesar da sua acção simples e pouco surpreendente pela novidade da inventiva, produz uma impressão extraordinária, quer na leitura, quer na representação. Vi-a aqui em cena (...)”<sup>(19)</sup>.

Por outro lado, também o já citado Gerd Moser menciona a tradução<sup>(20)</sup> e mais à frente a representação da peça de Dresden:

“Le premier traducteur allemand de Garrett fut le Comte W. von Lückner qui habitait à Lisbonne même, en qualité de ministre du Danemark. Il a traduit la pièce la plus connue de Garrett, *Le Frei Luiz de Sousa*” e acrescento: “Connue la plupart des pièces transposées d’une langue à l’autre, elle n’a pas connue un succès prolongé en Allemagne. Cependant on l’a jouée à Dresde peu de temps après sa publication en 1847. Elle a connue le succès, et quel succès!”

Como se verifica, existe uma espécie de contradição entre as palavras de Schack e as de Gerd Moser sobre a tradução de *Frei Luís de Sousa*. De facto, Moser dá mais relevância ao facto de a tradução ter sido representada no teatro de Dresden e, como ele observa, com grande êxito. Cabe aqui referir, a propósito, um episódio bastante curiosos e sobretudo pitoresco referido por F.A.Vanahagen<sup>(21)</sup>. Diz ele a propósi-

---

(18) Cf, Duarte Montalegre, *Op. cit.*, p. 21.

(19) Olívio Caeiro, “O Conde Adolfo Frederico de Schack no seu interesse pela cultura portuguesa”, em *Arquivos do Centro Cultural Português*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1978, p. 21.

(20) *Op. Cit.*, p. 87.

(21) F. Adolpho de Varnahagen, diplomata brasileiro e homem de letras, residente em Portugal. Foi amigo de Garrett e do Conde Lückner, e um dos directores suplentes da revista *O Panorama* entre 1838 e 1848.

to da representação de *Luiz de Sousa* (Tradução de Lückner) em Dresden:

“Mais uma notícia curiosa a respeito de *Fr. Luiz de Souza* inserirei aqui, pois é por si outro drama; e talvez não venha a ter para a publicar na melhor ocasião. O dito Conde de Lückner era protestante, de uma comunhão que permite novo casamento passado o divórcio. Depois de ser pai uma vez, divorciára-se delle a mulher, rica filha de um eleitor de Hesse-Cassel, quando ainda mais jovem, e se casará com outro (um Barão de Watzdorf) de quem tivera tres filhas, e de quem acabava de enivuar, quando em 1847, no teatro de Dresda onde ella vivia, se representou a tradução de *Fr. Luiz* a que foi assistir. A analogia das situações produziu a reconciliação; e o Conde de Lückner casou 2<sup>a</sup> vez com a sua própria mulher e feliz em companhia desta e do tenro fructo da 3<sup>a</sup> lua de mel da mesma esposa (...)”<sup>(22)</sup>.

Deveremos remontar agora à já mencionada tradução do Frei Luís de Sousa levada a cabo pelo Conde de Lückner. O primeiro facto que retém a nossa atenção é a circunstância de, tendo sido publicada em 1847 em Lisboa, foi pouco tempo depois publicada na Alemanha e logo representada no Hoftheater de Dresden com o título *Luís de Sousa*. Ao tentar averiguar em termos de recepção o sucesso dessa representação, deparamos com certa ambiguidade. Se por um lado, Gerd Moser afirma que “elle a connue le succès!”<sup>(23)</sup>

Por outro lado, os ecos na imprensa a essa representação revelaram-se à nossa pesquisa bastante magras, como veremos mais adiante.

Ainda de acordo com a afirmação de Gerd Moser, é no ano de 1847, ano da tradução e da sua representação em Dresden, que o compositor F. Mendelsohn-Bartholdy pediu ao tradutor de Garrett, Friedrich von Schack, que lhe escrevesse um *libretto* que levaria o título

---

<sup>(22)</sup> F. Adolpho de Varnahagen, *Da litteratura dos livros de Cavallaria*, Vienna, 1872, Nota X. A este episódio se refere também Gerd Moser (Op. Cit., p. 88): “La pièce de Lückner a dû plaire, car on disait que, voyant jouer la pièce, l’ancienne femme de Lückner en fut tellement bouleversée q’elle divorça sur le champ, quittant son second mari pour retourner auprès de Lückner”. Ele é referido por Gomes de Amorim (*Garrett*, Vol. III, p. 69).

<sup>(23)</sup> *Op. Cit.*, p. 87.

de *Manuel de Souza*. A morte de Mendelsohn impediu Schack de concluir o seu trabalho.

Tendo procedido a uma pesquisa relativa a essas informações — (pesquisa que não pretendemos ter sido exaustiva, no entanto), não nos foi possível encontrar a traça ou a pista nem do *libretto* inacabado nem da respectiva partitura.

Os efeitos de destruição de bibliotecas e de arquivos na cidade de Dresden na sequência da 2ª Guerra Mundial estarão provavelmente na base da escassez de documentação a esse respeito. Alcançamos porém, alguma informação, de que damos conta<sup>(24)</sup>.

Segundo Robert Proelss na sua obra *Geschichte des Hoftheaters zu Dresden*,<sup>(25)</sup> efectivamente a peça *Luís de Sousa* foi representada pela 1ª vez em 12 de Maio de 1848 em Dresden.

De acordo com este autor, a peça teria tido mais duas representações até ao ano de 1826.

Transcrevemos a notícia que surgiu num Diário da época o *Dresden Anzeiger* de 22 de Maio de 1848, nº 167, p. 24 na secção “Tagebuch”: “No teatro de Dresden pela 1ª vez Luís de Sousa. Peça em 3 actos, de J.B. de Almeida Garrett. Vertida do português para o alemão por W. L. (Início às 7 horas, Final às 9 horas). Está prevista ainda uma segunda representação no sábado, 27 de Maio de 1848”.<sup>(26)</sup>

Esta curta notícia apenas nos dá conta das datas em que a peça terá sido representada não havendo registos no jornal da peça depois das representações, já que, como o Prof. Boddin, refere, o *Dresden Anzeiger*, não era um jornal de crítica. Não se encontra na biblioteca nem nos arquivos o *libretto* de ópera Manuel de Sousa, deixado em

---

<sup>(24)</sup> Tendo-nos dirigido à Sächsische Landesbibliothek de Dresden, foram-nos amavelmente comunicados pelo especialista Prof. Boddin, a quem agradecemos, elementos que trazem alguma luz sobre o assunto.

<sup>(25)</sup> Dresden, 1878, p. 623.

<sup>(26)</sup> Eis o texto publicado no *Desdner Anzeiger*: “Hoftheater (in der Stadt) (Zum Erstenmale) Luís de Souza. Drama in 3 Akten, von J. B. de Almeida Garrett. Aus dem Portugiesischen in das Deutsche übertragen von W. L. (Anfang um 7. Uhr. Ende um 9 Uhr.) Eine zweite Aufführung ist am Sonnabend, dem 27 Mai 1848 verzeichnet”.

fragmento por Schack, que o referido Erich Walter autor de *Adolf Friedrich Graf Von Schack als Übersetzer* não menciona.

O registo da presença de *Luís/Manuel de Sousa* na cidade de Dresden é talvez um indício de um certo horizonte de expectativa que resta verificar no espaço da cultura alemã em tempo do Romantismo. De facto, elaborámos este ensaio limitando-nos como ponto de partida à calorosa apreciação de Varnahagen e de Gomes de Amorim, acolhida, como vimos, por Gerd Moser entre outros. Se a pesquisa a que procedemos entra de certo modo em contradição com o entusiasmo dos primeiros testemunhos, não deixa por esse facto de constituir um factor de perplexidade e um desafio para uma mais ampla investigação.

### Bibliografia

- AMORIM, Gomes de — *Garrett*, 3 vol., Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.
- ANTSCHERL, Otto — *J. B. de Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik*, Heidelberg, 1927.
- BEAU, Albim Edward — *Estudos Acta Universitatis Conimbricensis*, 1964.
- BULHÃO PATO — *Sob os Ciprestes*, Lisboa, 1877.
- CASTELO BRANCO, Camilo — *Esboços e apreciações Litterárias*, 1ª série, 2ª Ed., Lisbonne, 1902.
- CAEIRO, Olívio — “O Conde Adolfo Frederico de Schack no seu interesse pela cultura portuguesa”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1978.
- D’Alge, Carlos — “Relações Literárias entra Portugal e a Alemanha”, in *O Exílio Imaginário*, Edições UFC/PROED, Fortaleza, 1983.
- MONTALEGRE, Duarte — *Almeida Garrett — L’Uomo e l’Opera*, Roma, 1957.

- MONTEIRO, J. Gomes — *Eccos da Lyra Teutonica*.
- MOSER, Gerd — *Les Romantiques Portugais et l'Allemagne*, Paris, 1939.
- SCHACK, Adolph Friedrich Von — *Romanzero der Spanier und Portugiesen*, ed. Cotta, Stuhgart, 1860.
- SCHACK, Adolph Friedrich Von — "*Camoens*", *Gedicht in zehn Gesängen Von J.B. Almeida Garrett nach dem Portugiesish* ed. Cotta, Stuhgart, 1890.
- SCHACK, Adolph Friedrich Von — *Eni halbes Jahrhundert — Erinnerungen und Aufzeichnungen*, 3 vols. Stuttgart, Leipzig, s/d.
- SUPPRIAN, K. — "*Um livro alemão sobre Garrett e o Romantismo*" in *Biblos*, Revista da F. L. da Universidade de Coimbra, 1928.
- VARNHAGEN, F. Adolfo de — *Da Literatura dos Livros da Cavalaria*, Viena, 1872.
- WALTER, Erich — "*Shacka als Übersetzer*" in *Breslauer Beiträge zur Literaturgeschichte*, vol. X, Leipzig, 1907.